

ENTREVISTA COM WALDO VIEIRA: REVISTA INTERPARADIGMAS

(Scriptor; Ano 4; N. 4; p. 102-103)

Waldo Vieira é médico, odontólogo e pós-graduado em Plástica e Cosmética. É projetor consciente desde os 9 anos de idade e pesquisa a consciência e as manifestações fora do corpo há mais de meio século. Propôs as ciências Projeciologia e Conscienciologia, sistematizadas nos tratados Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano (1986) e 700 Experimentos da Conscienciologia (1994). É autor de dezenas de livros, destacando-se os tratados *Homo sapiens reurbanisatus* (2003) e *Homo sapiens pacificus* (2007), bem como o Dicionário de Neologismos da Conscienciologia (2013). É o organizador da Enciclopédia da Conscienciologia, envolvendo equipe com mais de duas centenas de verbetógrafos e aproximando-se dos 3.000 verbetes (ano-base: 2013).

Você poderia detalhar sobre o surgimento da ideia e sobre as propostas da nova Revista Científica a ser organizada pelas pessoas da CCCI com título de doutorado e pós-doutorado?

W. V. Pelas perguntas recebidas nas tertúlias conscienciológicas percebemos que, de modo geral, as pessoas ficam dentro da Ciência Convencional, mas esta não atende aos requisitos ou às necessidades evolutivas delas. Então elas vão olhar o que nós estamos fazendo. Hoje mesmo um homem, que é da universidade, estava querendo saber como é *essa filosofia do corpo objetivo*, se essa hipótese já está aceita. Eu tive que explicar tudo. Então veja: nós precisávamos ter contato com estes indivíduos para haver debate. Eles nos evitam ao máximo porque não entendem nada de parapsiquismo e sempre acham que estão *por cima* de tudo, que nós somos apenas uma pseudociência, falsa ciência ou qualquer coisa nesse sentido. É necessário evidenciar que eles estão errados numa porção de coisas, porque a Ciência em si deve estudar tudo, ela não pode sonegar abordagem de qualquer tema, senão, que ciência é essa? Ciência não é para o bem-estar da Humanidade? Então tem que debater tudo. Por que não? Mas há muito dogma científico que precisa ser superado. O pior deles, por exemplo, é o problema de a pessoa fazer pesquisa sem participação. Isso é bobagem, devido ao processo da energia. Eles [cientistas] não entendem nada de energia, não admitem a existência de energia, não se autopesquisam, e portanto, não observam de que modo eles próprios funcionam. Nós temos que acabar com isso de uma maneira um pouco ousada. Não precisa brigar, mas é preciso ter ousadia, usar *testosterona*. Debate é para isso. Um debate *morno* ou *frio* não resolve nada. Tem que ter debate mostrando a realidade da pessoa, a realidade do assunto, a realidade do tema, a realidade do contexto.

Então qual seria o perfil do público-alvo desta revista?

W. V. Eu acho que todo mundo que se interessa por Ciência, de onde quer que seja; de qualquer tipo, da Ciência Convencional à nossa. Essas pessoas valem a pena, esse é o público-alvo. De preferência, pessoas que tenham doutoramento ou doutorado em alguma área.

Qual seria o matêrpensene da revista?

W. V. O matêrpensene seria, além da boa vontade e da boa intenção, criticar ao máximo esta condição. Dizer aos cientistas eletrônicos o que vem a ser autodiscernimento. Os cientistas convencionais não tem autodiscernimento, senão teriam melhor definição das prioridades. Se falta prioridade, é porque não tem discernimento. É igualzinho à pessoa que fuma. Por exemplo, na Ciência Convencional há o Freud que fumava charuto sem parar. Há também esse filósofo Pondé [Luiz Felipe Pondé], fumante inveterado. Todos esses são *bitolados*, cabeça *curta*. Eles não estudam a si mesmos e não veem que o fumo vai acabar destruindo a saúde deles. É igual aquele professor que fica dando aula e joga o cigarro no piso da própria aula. Como é possível? É incoerência. Então não tem consistência. Nós temos que trabalhar para dar mais consistências às pesquisas.

Desde o início, quando lançou a ideia, você falou de possível institucionalização da Revista, de tornar uma IC posteriormente.

É o ideal com o tempo. Por exemplo, buscar uma sede, ainda que pequena, mas de debate. Quando se tem uma sede física, as pessoas dão mais valor e os voluntários chegam. A revista precisa ter colaboradores de alto nível. Então é bom que tenha uma sede adequada, confortável, no nível que os doutores estão acostumados. Isso é muito importante.

Um ambiente para receber eventuais doutores das universidades?

Isso, doutores, de alto nível. Não tem nada para esconder, falar tudo na cara. Isso é o ideal.

Além da revista, que outras atividades esta IC poderia ter?

Vocês vão ter que estudar. Primeiro é necessário criar a IC, com a razão social. Pouco a pouco a situação vai se definindo. Os fatos orientam a própria pesquisa.

Em termos de visão mais ampla, qual seria o possível papel da revista na mixiproéxis grupal?

Eu acho que é o processo do debate, que ajuda demais, porque clareia. Fica a documentação. Isso tudo acaba sendo a cápsula do tempo, é o autorrevezamen-

to multiexistencial. A revista vai mexer diretamente no metassoma.

Esses pesquisadores da Ciência Convencional podem também, no futuro deles, acessar a revista?

Podem, eles podem entrar também para *desancar* com a revista. É isso que seria interessante, para haver *molho*, quanto mais, melhor. Agora, quem tem lógica e racionalidade *engole* o outro. Pouco a pouco, as pessoas vão amadurecer e minimizar as emoções durante o debate, aí surge a racionalidade. Nesta hora os demais vão temer os debatedores. Isso é ótimo, é a meta que precisamos alcançar.

Mais ou menos o que aconteceu quando você debatia no INPE? [Instituto Nacional de Pesquisa Espacial].

Os cientistas ficavam calados, riam de mim, mas eu usava energia, igual na *Columbia University*, em Manhattan. O próprio cientista se apresentou para ser voluntário e, sem ninguém me falar, notei que ele tinha uma cirurgia recente. Quando pedi para ele abrir a camisa, estava lá a cirurgia no coração. Primeiro eles vaiaram, depois ficaram espantados e ninguém falou mais nada. Alguns desses cientistas, inclusive este, seguiram os meus cursos durante uma temporada.

Você acha que essa revista colocará uma nova condição, que seria o binômio autorado-doutorado?

O negócio é importante porque temos que valorizar os doutores, falando na linguagem deles. Eles não vão poder reclamar. Doutor por doutor, nós também somos. No entanto, vamos mostrar que não pensamos igual a eles. Só isso já vai valer a revista. Só de termos autores-doutores da Conscienciologia, que não pensam igual aos demais doutores, já cria um enclave dentro da Ciência Convencional. Ou seja, somos doutores, mas pensamos diferente. Se eles criticarem *nossos* doutores, significa que o doutorado deles não tem valor. Em outras palavras, sem tem alguns doutores que não valem nada, então *todo mundo não presta*. Fica uma condição sem saída para eles. Isso é o máximo! Tem é que mostrar a pessoa de igual para igual, no mesmo nível.

Que tipo de gescon pode se esperar dos doutores?

Vocês devem fazer artigos sobre temas controvertíveis que os cientistas não gostam de abordar. Vocês debatem o assunto. É uma tribuna. A revista deve ser uma tribuna. A revista vai ajudar, vocês vão ver com o tempo.

Você havia mencionado em Tertúlia e Minitertúlia Conscienciológicas que existem muitas consciexes aguardando esse trabalho.

Sim, e sabe por quê? Porque são consciexes que cometeram muitas bobagens com a Eletrônica e agora sofrem. Estão arrependidas e desejam ajudar.

A controvérsia dos debates, mesmo a mais pacífica, vai auxiliar esta condição. Estas consciences têm medo de renascer e ficar do mesmo jeito que foram. Olhe onde é que elas estão pensando: no futuro, na próxima vida delas. Elas têm receio de vir para o intrafísico e ficar *na mesma*. A Ciência Convencional é difícil, há muito dogma. Aliás, um dos piores dogmas na atualidade é o da Ciência Convencional. Só o fanatismo religioso supera esta condição.

Estas consciences podem tanto inspirar a equipe que está trabalhando aqui quanto os cientistas convencionais?

Inspiram todo mundo. Eles são os mais interessados porque são culpados, têm culpa no cartório, fizeram besteira. E outra coisa: tem mulher e homem, inclusive que dessoraram com certa idade. Eu já vi alguns deles.

E é povo do Curso Intermissivo?

No Curso Intermissivo eles mudaram tudo, então não querem agora voltar atrás. Já é outro padrão, é outra geração de Curso Intermissivo. Esqueça tudo. Só isso já vai valer a pena fazer a revista: ajudar esse povo que vai renascer. Uns já devem estar renascendo por aí. No caso, é um revezamento da intermissão com o intrafísico e isso é o máximo!

E qual a expectativa lógica que podemos fazer em relação à entrada do paradigma consciencial no meio universitário? Você imagina alguma prospectiva?

Não. Em alguns lugares já entraram com isso, mas o problema é que tem dogma. O paradigma científico está agora combatendo a religião. Daqui a pouco, eles vão combater a si mesmos. Isso é inevitável, já previ há muito tempo. Eu previ para mais ou menos daqui a 40 anos. Eles vão combater demais o processo de religião, depois vão entrar no materialismo deles.

Vão fazer a autocrítica?

Vão, cedo ou tarde. Esse é o século da autocrítica e da heterocrítica. Por isso é bom que essa revista seja publicada. Sem crítica não há discernimento.